JANE MARY GONDIM DE SOUZA

ARROZ

Estímulos à importação

Para acalmar o mercado, o governo anunciou duas medidas para estimular a importação de arroz

O brasileiro é um grande consumidor de arroz. De acordo com dados da Conab, cada um de nós come em média 75kg de arroz por ano, ou seja, um consumo nacional superior a 11,5 milhões de toneladas. Diferentemente do que ocorre com boa parte dos outros alimentos, somos os principais consumidores *per capita*, com um consumo médio de 64kg/habitante/ano, conforme estimativas do Usda.

Considerando-se os últimos três anos, as produções brasileira e nordestina de arroz estão em declínio, assim como a área plantada. E a queda da quantidade produzida só não é maior graças aos ganhos de produtividade ocorridos nos últimos anos. Sob esse aspecto, a produção de arroz irrigado, concentrada em grande parte no Rio Grande do Sul, assume cada vez maior importância no Brasil, pois ao contrário da de sequeiro apresenta produtividade maior, em virtude do seu nível tecnológico.

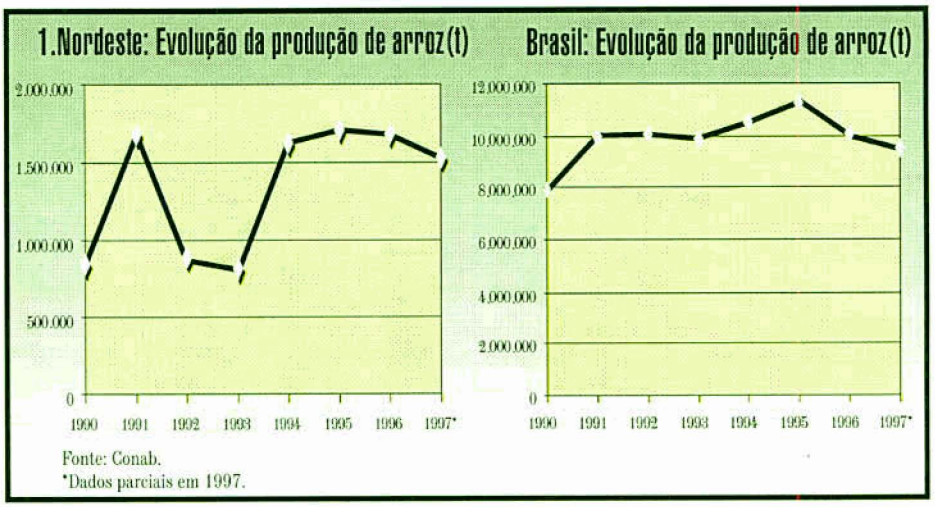
A lucratividade do arroz irrigado, especificamente o produzido no Rio Grande do Sul, é bastante satisfatória para aqueles que alcançam rendimento acima de 6 mil kg/ha/ano, obtendo um lucro anual da ordem de US$211,20 por hectare.

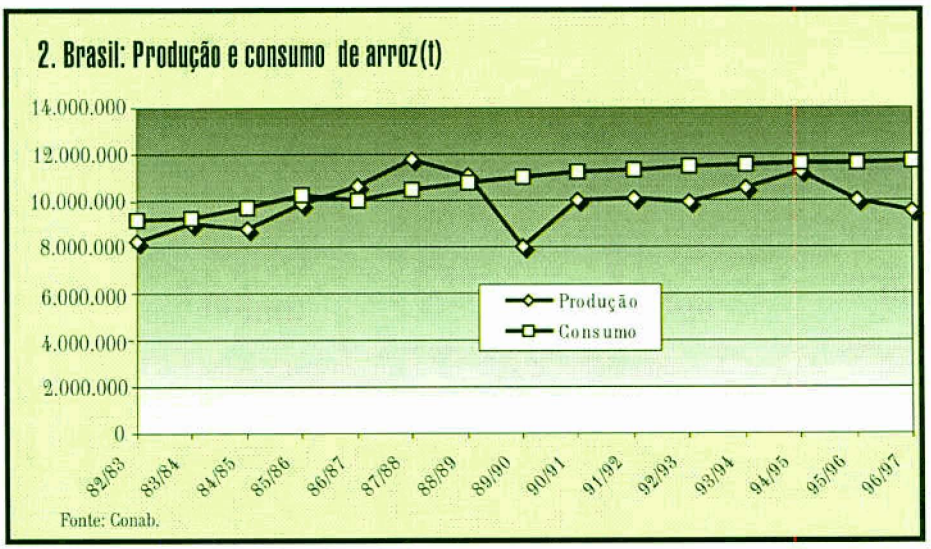
Preços sustentados

A produção nacional em 1996/97 totalizou 9,52 milhões de toneladas, segundo a Conab, com redução de 5% em relação à safra anterior, que já havia sido inferior à de 11,24 milhões de toneladas colhida em 1994/95. A menor disponibilidade do produto foi o primeiro fator a dar sustentação aos preços no ano passado.

Nesses últimos dois anos a produção menor foi reduzindo os estoques existentes, principalmente os do governo. A safra 1996/97 terminou com 897 mil toneladas em estoque, o menor volume desde 1986 – um outro fator a dar sustentação aos preços.

Para a próxima safra esperava-se inici-





1. Brasil: Arroz em casca – oferta e demanda

Mil t

Discriminação	*1987/88*	*1988/89*	*1989/90*	*1990/91*	*1991/92*	*1992/93*	*1993/94*	*1994/95*	*1995/96*	*1996/97*	*1997/98*
Produção	11.762	11.092	7.967	9.997	10.103	9.903	10.523	11.237	10037	9.524	9.754
Consumo	10.500	10.800	11.000	11.220	11.332	11.445	11.560	11.595	11629	11.664	11.699
Exportação	10	10	11	2	5	6	4	35	5	3	2
Importação	190	252	717	1.226	732	881	1.565	978	977	1200	1700
Estoque final	3.938	4.472	2.147	2.218	1.716	1.349	1.873	2.460	1840	897	649

Fonte : Conab.

2. Brasil: Importações de arroz

Mar.97-fev.98, mil t

País	Quantidade
Uruguai	590,1
Argentina	454,4
Vietnã	77,4
Tailândia	37,3
Outros	20,1
Total	1.179,30

Fonte: Conab.

3. Brasil: Arroz em casca – produção por região

Mil t

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	Média
Brasil	7.966	9.991	10.102	9.902	10.497	11.223	10.049	9.545	9.909
Norte	605	721	744	761	977	1.108	995	984	862
Sudeste	1.058	1.369	1.234	1.229	1.063	947	811	729	1.055
Sul	4.498	4.935	5.498	5.750	5.152	5.999	5.147	5.128	5.263
Centro-Oeste	963	1.281	1.741	1.343	1.675	1.459	1.410	1.177	1.381
Nordeste	839	1.683	884	817	1.628	1.709	1.684	1.524	1.346

Fonte: Conab.

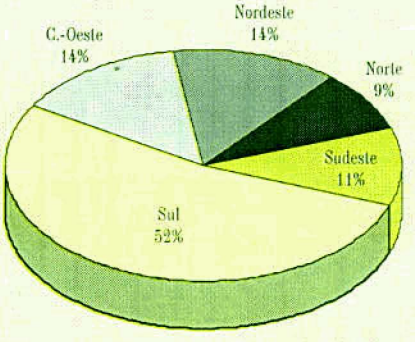
4. Nordeste: Arroz em casca – produção por estado

Mil t

Estado	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997
Maranhão	414,2	985,6	416,1	534	837,9	926,1	926,1	808,3
Piauí	137,9	314,8	167,2	97,3	398,9	399,3	375,5	356,7
Ceará	128,1	164,3	128,1	56,7	188,6	200	211,1	175
Bahia	36,8	91,5	60,2	51,9	70,7	97,5	63,8	75
Alagoas	29,4	28,3	29,2	28,4	44,1	28,5	33,5	32,3
Sergipe	39,1	32,7	38,4	30,3	38,9	15,1	29	34
Rio Grande do Norte	3,8	6	3,4	0,7	3,8	4,6	3,6	3,8
Paraíba	20,4	33,6	1,7	0,7	19,4	18,6	23,2	20,1
Pernambuco	29,4	26,6	25,2	17,5	26,4	19,7	19	19,3

Fonte: Conab.

3. Brasil: Participação regional na produção de arroz (média 1990-97)



Fonte: Conab – Elaboração do autor

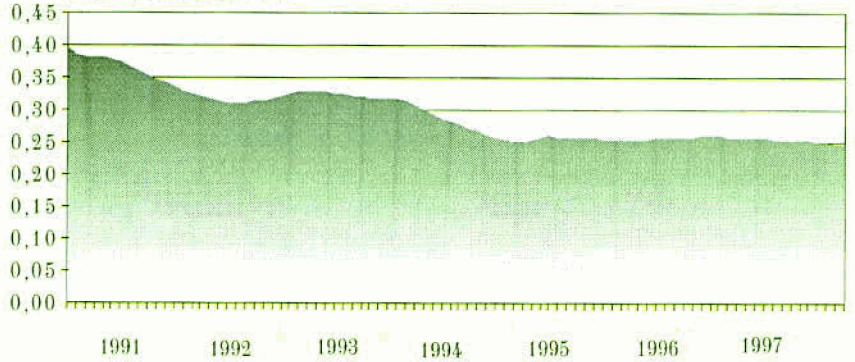
almente um aumento na produção nacional em torno de 9,8 milhões de toneladas, mas no quarto Levantamento de Acompanhamento de Safra, divulgado pela Conab no final de abril, essa previsão já tinha sido revista, apontando para 8,85 milhões – uma redução de 7% com relação à safra anterior.

Com estoques menores e o consumo crescendo, mesmo vegetativamente (ou seja, apenas acompanhando o ritmo de aumento da população), será necessário importar mais. Estima-se que as compras externas para o período 1997/98 fiquem em torno de 1,7 milhão de toneladas.

Esse volume poderia ser suprido normalmente pelo Uruguai e pela Argentina, que são a melhor alternativa para o abastecimento nacional, não fosse a quebra de safra de 30% na Argentina devido a fortes chuvas, com a sua produção passando de 1,4 para 0,9 milhão de toneladas. Desse modo, parte das importações deve vir dos Estados Unidos, chegando ao Rio Grande do Sul com valor próximo de R$18/sc 60kg.

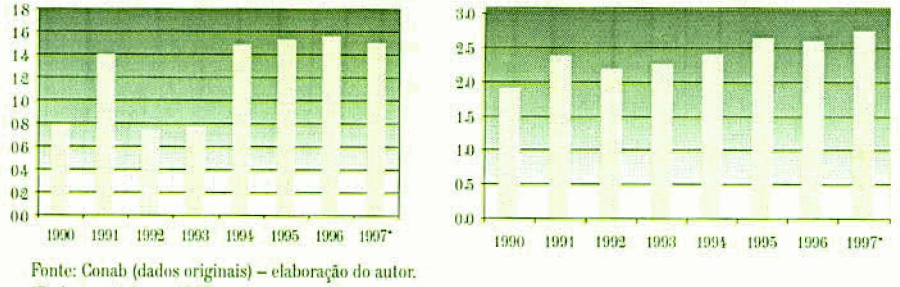
4. Nordeste: Preços médios recebidos pelos produtores de arroz (R$)

Médias móveis geométricas



Fonte: FGV.

5. Nordeste: Produtividade de arroz (t/ha) Brasil: Produtividade de arroz (t/ha)



Fonte: Conab (dados originais) – elaboração do autor.
*Dados parciais em 1997.

Cresce a demanda

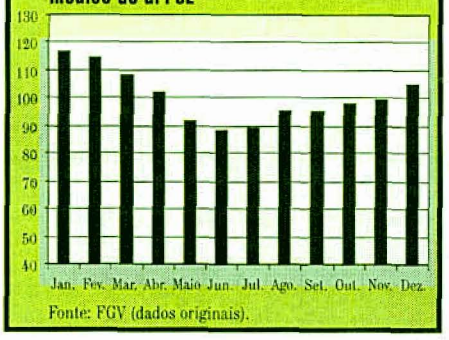
Como se pode observar na tabela 1, considerando o período de 1987/88 a 1997/98, a produção brasileira está estagnada no pa-

tamar de 10 milhões de toneladas, enquanto a demanda crescente é estimada em 11,7 milhões para 1997/98. O consumo tende a crescer, enquanto a produção declina, particularmente a partir do ano-safra 1988/89.

As importações também têm tendência de crescimento, com picos em 1991 e 1994, quando se implementavam planos econômicos. Tais picos podem ser explicados pelo fato de a elasticidade-renda do arroz ser baixa quando se considera o crescimento da renda média da sociedade, mas a demanda responder com maior intensidade na ocorrência de efeitos redistributivos em favor da população de baixa renda.

O crescimento da demanda de arroz se deve ao crescimento da população e ao aumento da renda *per capita*. Atualmente a taxa de crescimento demográfico no Brasil ainda é relativamente elevada, de 2 a 2,5% ao ano. O arroz, segundo dados da Fipe, é um bem de consumo inelástico em relação à renda: quando a renda varia 1% o consumo aumenta em torno de 0,6%. Como o crescimento da renda, ou seja, do PIB, ficou pouco acima dos 3% em 1997, a demanda de arroz cresce anualmente 1,8% (0,6% de 3%) devido à renda e 2% em função da população, totalizando 3,8%. Portanto, para que não houvesse problemas de abastecimento no longo prazo, a produção brasileira deveria crescer também 3,8% ao ano.

6. Nordeste: Índices sazonais dos preços médios de arroz



Fonte: FGV (dados originais).

De acordo com o gráfico 3, a produção de arroz brasileira concentra-se nas regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste, que representam cerca de 80% do total nacional. A região Sul é responsável por pouco mais da metade da produção nacional, com destaque para o estado do Rio Grande do Sul, cuja participação supera 40%.

Produtividade no Nordeste

O Nordeste representa cerca de 13,6% da produção brasileira (média da década de 90), com redução considerável desse percentual em 1992 e 1993 devido a fatores climáticos. Os estados da região Nordeste que mais se destacam na produção de arroz são o Maranhão, o Piauí e o Ceará, com quase 87% da produção nordestina (também com relação à média da década). Em 1996, o Maranhão contribuiu com 55%, o Piauí com 22% e o Ceará com 12% da produção regional. A maior parte do arroz do Maranhão é de sequeiro, enquanto no Ceará predomina o arroz irrigado.

Os preços reais do arroz em casca no Nordeste (tabela 5) apresentaram tendência decrescente, com uma variação negativa de 54% entre janeiro de 1990 e abril de 1998. Percebe-se uma queda mais acentuada dos preços no período 1990-94, com estabilização em torno de R$0,25 a partir da entrada do Plano Real, conforme se vê no gráfico 4.

Essa queda se deve a vários fatores, dentre os quais se pode citar a abertura de mercado, iniciada em 1990, que expôs os produtos agropecuários nacionais à concorrência externa, via importação, levando os agentes econômicos internos a se preocuparem com custos e eficiência na busca de maior competitividade.

Outro fator a ser considerado é o aumento da produtividade, conforme pode ser constatado no gráfico 5. A produtividade do Nordeste também cresceu no período, embora ainda seja inferior à do Brasil.

Como se observa no gráfico 6, o comportamento dos preços do arroz no Nordeste segue um padrão anual bem definido, com tendência de queda no primeiro semestre, devido ao impacto da entrada da safra nordestina nesse período, atingindo o ponto mínimo em junho, 12% abaixo do índice sazonal médio (100). O segundo semestre apresenta tendência crescente, coincidindo com a entressafra na região, atingindo o ponto máximo em janeiro, com índice sazonal 16% acima do índice médio. Dessa forma, a amplitude de variação dos índices sazonais fica em torno de 28%.

5. Nordeste: Preços médios recebidos pelos produtores de arroz

R$/kg

	1990	*1991*	*1992*	*1993*	*1994*	*1995*	*1996*	*1997*	*1998*
Jan.	0,54	0,41	0,31	0,35	0,38	0,29	0,27	0,27	0,25
Fev.	0,52	0,37	0,3	0,36	0,33	0,3	0,29	0,27	0,25
Mar.	0,35	0,38	0,33	0,35	0,29	0,28	0,29	0,27	0,26
Abr.	0,38	0,36	0,33	0,32	0,25	0,27	0,28	0,26	0,25
Maio	0,37	0,34	0,3	0,3	0,22	0,25	0,25	0,25	
Jun.	0,37	0,35	0,29	0,29	0,2	0,24	0,25	0,25	
Jul.	0,39	0,32	0,3	0,27	0,22	0,22	0,24	0,24	
Ago.	0,38	0,3	0,3	0,28	0,25	0,23	0,25	0,24	
Set.	0,39	0,29	0,32	0,31	0,25	0,24	0,24	0,24	
Out.	0,38	0,32	0,33	0,32	0,24	0,25	0,25	0,24	
Nov.	0,39	0,33	0,37	0,32	0,25	0,25	0,25	0,25	
Dez.	0,39	0,33	0,36	0,34	0,28	0,26	0,27	0,25	

Fonte: FGV.

Preços corrigidos pelo IPR/abril 1998.

Acalmando o mercado

O mercado de arroz está operando em alta desde o início da safra. O cenário de preços altos que se desenha para a temporada de comercialização 1997/98 é resultado principalmente da quebra de safra causada por fatores climáticos: estiagem no Nordeste, chuvas nas regiões produtoras do Sul do país, causando atraso na colheita do produto e problemas com as safras dos principais fornecedores do Brasil (Argentina e Uruguai).

Além da redução na produção, os estoques do governo estão bastante baixos e se destinarão prioritariamente ao Programa Comunidade Solidária. O consumo mundial tem aumentado, mantendo o mercado internacional aquecido, o que contribui para que as cotações permaneçam elevadas.

Todos esses fatores têm gerado pressões altistas e o governo, visando acalmar o mercado, anunciou duas medidas para estimular a importação de arroz: redução de 21% para 15% na alíquota de importação do arroz beneficiado; suspensão da exigência de pagamento em no máximo 30 dias para as importações de arroz.

Jane Mary Gondim de Souza é mestra em economia rural pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisadora do Banco do Nordeste (Etene).

E-mail: jane@banconordeste.gov.br